



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

EXPERIÊNCIAS NUMA SALA DE LÍNGUA INGLESA DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Esthéfany Abadia Borges Amaral
(Universidade Estadual de Goiás – UEG)

Helen Lisboa Ramalho
(Universidade Estadual de Goiás – UEG)

Resumo: Este artigo tem como intuito apresentar as ações realizadas durante o Estágio Supervisionado em Língua Inglesa II, numa escola pública da cidade de Inhumas-GO, realizado no segundo semestre do ano de 2016 para fins avaliativos do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, Campus Inhumas. Durante esse período de regência, no qual podemos conviver com os alunos do Ensino Médio nos possibilitou tecer considerações acerca da prática docente em Língua Inglesa na realidade da escola pública, permitindo assim apresentar algumas conclusões críticas que serão suporte para a nossa prática como futuros profissionais da área. Sendo assim, consideramos o estágio como parte importante do nosso processo de formação, sendo este o elemento que nos possibilita uma interação mais próxima com o cotidiano e as vivências da escola, podendo aliar tudo aquilo que aprendemos na formação acadêmica (teorias) à realidade de uma sala de aula de escola pública na prática, contribuindo, dessa forma, para com os alunos, para com a escola de modo geral e, para nós, enquanto professores.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Língua Inglesa. Ensino Médio.

INTRODUÇÃO

Pretendemos com este estudo apresentar a nossa prática em uma sala de Ensino Médio na escola pública, bem como as nossas reflexões acerca delas. Desse modo, o principal objetivo deste é descrever a realidade educacional da escola visitada, compreender a construção do ensino e, conseqüentemente, da aprendizagem de LI, e descrever as metodologias aplicadas na sala de aula para, mais adiante, discuti-las.

O estágio de Língua Inglesa é necessário neste período acadêmico para disponibilizar aos estudantes (futuros professores), uma breve experiência do que será a realidade em sala de aula em formato de professor, ou seja, como regente, para assim, vivenciar as experiências de



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

quem já está ali à frente mostrando-nos um pouco de suas experiências em sala, para driblar as dificuldades e assim, possibilitar um ensino de qualidade aos alunos.

O Colégio no qual realizamos a regência é parceiro da Universidade, ele possui um espaço físico adequado e limpo, isso possibilita a boa convivência e circulação dos alunos no ambiente. As salas de aula atendem as necessidades em partes pois: são pouco iluminadas e ventiladas, porém a média de 25 alunos por classe é satisfatória se compararmos a outras realidades. O espaço interno de convivência é bem organizado, sendo disponibilizado assentos para os alunos se acomodarem durante seus intervalos, assim como para os visitantes.

Há departamentos bem separados, como a secretaria e a direção. O laboratório de informática dispõe-se de equipamentos suficientes para o desenvolvimento das aulas de Língua Inglesa (como foi observado numa das aulas de semirregência). Os alunos possuem banheiros divididos em masculino e feminino, e fazem as refeições na escola mesmo, visto que o colégio é de tempo integral.

O principal objetivo deste artigo é apresentar a realidade vista no desenvolvimento das aulas de Língua Inglesa, bem como as metodologias aplicadas pela professora regente, contribuindo assim, com a nossa experiência inicial e nos motivar a sermos professoras críticas, voltadas a um ensino que vise orientar o aluno a se dedicar à língua inglesa não apenas como mais uma matéria, mas sim como uma língua mundialmente falada, e que abre N's possibilidades para os mesmos.

A aula de língua estrangeira pode proporcionar aos aprendizes oportunidades de compreender e explorar diferentes visões de mundo e formas de expressão, cultivando as possibilidades de uma perspectiva multicultural crítica no ensino de línguas, que não nega as diferenças e que desafiem os discursos que perpetuam hierarquias linguísticas e raciais. (JORGE, 2009 p. 167).

De acordo com Jorge (2009), uma aula de língua estrangeira não proporciona ao aluno apenas entender o significado do aprendizado de outras línguas, mas também, as formas de expressão, diferentes visões de mundo, ou seja, o aluno entende a dimensão do mundo e o seu lugar nele. Dessa forma, quanto mais souber das diferenças existentes mais irá aprender com elas. É isso que temos que mostrar aos nossos alunos, que a língua está ali para ser estudada



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

não porque é bonita ou obrigatória por acaso, mas sim para que compreendam as diferenças que há no mundo e a importância de saber se impor nele.

Dessa forma, nos foi sugerido buscar elaborar planejamentos de acordo com o conteúdo anual das turmas, visando o conteúdo que a professora regente já aplicaria aos mesmos. Essa escolha se deu por vários aspectos, tais como a vontade da prática em uma turma que está se preparando para ingressar em universidades, por exemplo. E foi um ponto muito positivo para nossa dupla, pois, apesar de sermos professoras regentes (no caso somos professoras de Língua Portuguesa), nós conseguimos atingir o objetivo de estar com turmas do ensino médio e ministrando aulas de língua inglesa.

Como requisitado pelo professor supervisor e pela professora regente, desenvolvemos planejamentos que abrangessem os conteúdos *Past Continuous* e *Passive Voice*, que são conteúdos que estão na grade curricular das séries onde desenvolvemos nossa regência (1º e 3º anos do Ensino Médio).

Em síntese, podemos dizer que o estágio supervisionado de língua inglesa não é um aprendizado somente para nós alunos-professores, mas também para os alunos que têm contato com novas experiências de regências, despertando-se assim, tanto o interesse do aluno, como o dos professores-estagiários. Foi para nossa dupla, uma chance de fazer algo diferente para que os alunos compreendessem que a língua inglesa não é importante somente na escola, mas sim para sua vida. Dessa forma, foi positivo, porém, bem trabalhoso desenvolver os planos e as aulas, levando em consideração as nossas dificuldades e às vezes, a falta de interesse por parte de alguns alunos.

METODOLOGIA

Na execução do estágio supervisionado foram realizadas atividades didáticas envolvendo a disciplina Língua Inglesa, em turmas de 1º e 3º anos do Ensino Médio do turno vespertino nos meses de setembro e outubro de 2016. A regência no Estágio Supervisionado em língua inglesa iniciou-se com a troca de informações com os professores referentes da disciplina trabalhada, sendo necessária a preparação e organização das atividades a serem desenvolvidas. Nesta fase de preparação das aulas, nós tentamos buscar estratégias e metodologias nas quais pudéssemos envolver os alunos de forma dinâmica, tentando buscar a



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

realidade dos mesmos, ou seja, levar assuntos do cotidiano e de interesse público, de forma a abranger os conteúdos base. Pois, como afirma Miccolli (2011), para aprender é necessário que o aluno encontre algum sentido naquilo que está sendo apresentado.

A aprendizagem dependerá do sentido que o estudante encontrar naquilo que acontece em sala. Esse sentido será possível se, no currículo ou programa de ensino, houver congruência entre as expectativas dos estudantes e o conteúdo desses currículos ou programas de ensino elaborados pelo professor. (MICCOLLI, 2011 p.181).

Dessa forma, mesmo seguindo o conteúdo requisitado pela professora regente procurávamos aliar a algo do cotidiano dos alunos a fim de trazê-los para o assunto da aula, para que o mesmo tivesse interesse em se manifestar. Pois, acreditamos que é assim que o aprendizado começa, quando algo nos desperta curiosidade, quando gostamos de algo buscamos compreender.

O processo de planejamento nos permitiu sentar e pensar de que forma poderíamos desenvolver as aulas buscando o padrão da professora regente, mas sempre nos lembrando da nossa “inexperiência” com relação à aplicação de conteúdos de Língua Inglesa no Ensino Médio. Esta fase nos foi muito importante, pois buscamos práticas e atividades voltadas para buscar a atenção dos alunos, nunca nos esquecendo do conteúdo a ser desenvolvido solicitado pela professora.

Mediante este contexto serão descritas duas das aulas dadas na escola campo, no 1º e 3º ano do Ensino Médio, aulas essas que contribuíram para nossa formação de forma mediana, pois o tempo para planejar e desenvolver não consideramos suficiente durante o período de graduação, visto que, em consenso, nós, redatoras deste projeto, não achamos que apenas os últimos meses e as poucas aulas de regência são suficientes para desenvolver e aperfeiçoar o que nos impende de executarmos com excelência as aulas de Língua Inglesa.

Na aula dada no 1º ano entramos em sala e cumprimentamos os alunos “*Good morning/afternoon class*”, fizemos o seguinte comentário “durante o mês passado nós estivemos desenvolvendo nosso estágio com vocês e agora vamos dar continuidade. Escrevemos no quadro “Nós estivemos desenvolvendo nosso estágio com vocês”. Perguntamos aos alunos a tradução de cada palavra para poder formar a frase “*We were developing our stage with you*” . Perguntamos aos alunos “Quando ocorreu essa ação? ”



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

mostramos que foi uma ação em progresso no passado. Perguntamos então aos alunos algo que eles estavam fazendo ontem ou semana passada “*What were you doing yesterday?*”, anotamos algumas respostas no quadro. Citamos pelo menos cinco exemplos. Em seguida mostramos então como se forma o *past continuous* com as frases como exemplo. Usa-se *was/were* + verb + -ing. Logo após fixamos o conteúdo abordado com atividades.

Após os alunos terminarem a atividade, corrigimos cada sentença pedindo a um aluno que lessem a resposta e escrevemos no quadro a resposta correta. Ao término da correção, explicamos aos alunos como se forma o *past continuous* na negativa e interrogativa. Na negativa acrescentamos o *not* após o verbo *to be* (utilizamos frases já usadas como exemplo). Após a explicação, passamos a atividades e fizemos correção.

Na aula do 3º ano iniciamos a aula “*Good Morning/Afternoon class*”, e fizemos o seguinte comentário “estamos de volta para dar continuidade ao nosso projeto de estágio”. Pedimos para que os alunos observassem o que seria escrito no quadro (escrevemos no quadro a seguinte frase: Nós fizemos um projeto de estágio) fizemos a seguinte pergunta “Nessa frase, quem é o sujeito da oração? ” Esperando a resposta “Nós”. Feito isso, perguntamos a tradução de cada palavra da frase até formar *We made a stage project*. Demos continuidade escrevendo agora a seguinte frase (Um projeto de estágio foi feito por elas) e perguntamos aos alunos “E agora nessa frase quem é o sujeito da oração?” Esperamos pela resposta “um projeto de estágio”. Após isso, perguntamos a tradução de cada palavra até formar a frase: *A stage project was made by us*. Consideramos que desse modo os alunos se sentiam mais confiantes a nos darem exemplos e participar da aula, pois estávamos, através dessas perguntas, auxiliando-os no aprendizado de algo novo para eles.

Em certos casos, perguntas mais direcionadas, perguntas didáticas podem funcionar estrategicamente como andaimes, auxiliando o aluno que ainda não está em condições de se fazer ouvir de uma forma mais livre ou fluente na língua. O uso estratégico da língua materna em sala de aula é também um recurso a assegurar um ambiente de aproximação social e consequente aprendizagem. (MICCOLLI, 2013, p.105).

Concordamos com Miccolli (2013) no sentido de que o professor deve ser o guia de seu aluno, fazendo perguntas mais direcionadas que os levem até o ponto que o professor



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

deseja para que, assim, o aluno possa entender aquilo que está sendo apresentado de forma menos forçada e inibidora.

Terminado este exemplo, explicamos aos alunos que a primeira frase está na voz ativa pois a ênfase está no sujeito que fez a ação, já na segunda frase a ênfase ficou na ação que foi feita, ou seja, no projeto que foi feito, isso é chamado de voz passiva ou *passive voice*. Fizemos outros exemplos no quadro. Em seguida entregamos atividades para fixar o conteúdo. Após todos os alunos terem terminado, fizemos a correção da atividade no quadro. No momento da correção, pedimos a alguns alunos que dissessem a resposta, escrevemos no quadro e fizemos a tradução de cada frase com eles enfatizando os verbos no past participle. Pegamos uma frase da atividade como exemplo e explicamos a estrutura de formação de passive voice. Então, mostramos que para formar a voz passiva no inglês usa-se um objeto mais o verbo to be mais um verbo no particípio passado. O verbo principal passa a ser usado no particípio passado e o sujeito da voz ativa torna-se agente da passiva. Após a explicação, entregamos uma lista com alguns verbos no particípio passado, e uma atividade para fixar a explicação. Fizemos a correção da atividade da mesma forma que a primeira. Pedindo aos alunos para lerem as respostas, escrevendo no quadro e traduzindo junto com eles.

Nestes dois planos de aula, buscamos desenvolver atividades de forma que o aluno tivesse participação ativa tanto nas explicações quanto nas correções. Buscamos trazer a oralidade dos mesmos, ainda que houvesse resistência por parte de alguns, mas foram atividades que ao nosso ver, os objetivos foram alcançados.

Tudo fora de suma importância, pois trata-se de uma oportunidade de formação contínua, um momento para refletirmos sobre as práticas metodológicas e críticas desenvolvidas em sala de aula, bem como a relação de alunos e professores, e principalmente, como a professora regente desenvolve e busca trazer a presença dos alunos para a sua regência, que foi um dos pontos de maior atenção para nossa dupla, pois a nossa inexperiência com a Língua Estrangeira, nos fez nos espelhamos na professora, para desenvolvermos nossos planos de aula.

Resultados e discussão (análise dos dados)



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Mediante o desenvolvimento das atividades de semirregência, que foi um período muito importante para nós, e o período de regência, obtivemos resultados positivos e negativos. Abaixo discutiremos tais resultados.

Em consenso, nossa dupla achou positivo a observação das aulas da professora regente (semirregência), pois para nós, foi um período onde pudemos observar como lidar com os alunos e o desenvolvimento das atividades de L.I. O período de elaboração dos planos de aula também foi válido, pois apesar das dificuldades que tivemos, aos poucos fomos aprendendo como produzir um plano completo e que abrangesse às necessidades dos alunos. O período de regência foi o mais complicado, mas conseguimos concluir. Complicado no sentido de executar com perfeição o que estava proposto no plano. A dificuldade com a oralidade nos fez ter medo de não conseguirmos seguir com as atividades, mas os alunos estavam bem participativos e desta forma, finalizamos de forma satisfatória.

Como pontos negativos, destacamos o curto prazo para a elaboração dos planos com suporte, e a exigência em ter objetivos e metodologias bem detalhadas, que para nós, foi um dos pontos mais difíceis. A observação do professor supervisor também foi um fator bem complicado para nós, porém, necessário. Encontramos dificuldades também pela não-sequência das aulas, ou seja, nós não executamos aulas sequenciadas em uma única turma, mas tivemos que elaborar planos com conteúdos diferentes e para turmas diferentes.

Mas de forma geral, as turmas pelas quais passamos, nos receberam bem, participaram das atividades propostas e fizeram perguntas, participaram das leituras e correções. Os alunos mesmo com dificuldades na oralidade, participaram e não se intimidaram pela vergonha de errarem. O que nos motivou, pois para nós isso significou que os alunos conseguiram desenvolver uma confiança conosco, devido a isso colaboraram com as aulas de forma satisfatória.

Desse modo a relação teoria/prática/vivência se deu de forma efetiva, colaborando para o nosso desenvolvimento e para a prática docente, já que não tínhamos experiência nessa fase (Ensino Médio) e nos trouxe um conhecimento baseado nas práticas metodológicas de professores experientes.

CONCLUSÃO



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

De modo geral, consideramos o Estágio Supervisionado em língua inglesa II muito significativo. Pois, mesmo com as dificuldades aprendemos o que tinha de ser feito. Muitas vezes nos deparamos com conteúdos que sequer ouvimos falar, mesmo estando no 4º ano do curso de Letras Português/Inglês, essa talvez tenha sido a maior dificuldade. No entanto, isso nos mostrou que o professor precisa estar sempre se atualizando e estudando para melhor ensinar os seus alunos, e que, ao mesmo tempo em que ensina o professor muito aprende. O estágio, em geral, foi de muitas realizações, isso porque no início pensamos em até desistir, mas conseguimos entrar em sala de aula, ministrar aulas e obter resultados significativos dos alunos. Com certeza aprendemos lições importantes que levaremos conosco para nossa prática. A nossa elaboração e prática de aulas nos mostrou o quanto é importante que o professor assuma um compromisso não só consigo mesmo de que precisa dar aquela aula, mas sim abraçar a causa e assumir a responsabilidade para com o futuro de cada um de seus alunos.

“Qualquer professor de língua tem que abraçar, com convicção, o propósito do ensino de sua língua estrangeira em qualquer sala de aula no Brasil. Ao dar ao estudante a oportunidade de refletir sobre sua própria língua na medida em que aprende outra, um propósito que beneficia o desenvolvimento linguístico na língua materna, o professor abre portas mesmo para aqueles estudantes que, inicialmente resistem.” (MICCOLI, 2011 p. 183).

Como bem nos diz Miccolli (2011), o professor precisa abraçar a profissão e assumir o compromisso. Cabe ao professor de línguas mostrar aos alunos a importância de se dominar não só línguas estrangeiras, mas também e principalmente a sua para que possa se impor criticamente na sociedade. Ao entrar em sala de aula, mesmo com medo, assumimos a responsabilidade de nossa formação e buscamos desempenhar o nosso melhor. Dessa forma, antes mesmo de entrar para a sala estudávamos e discutíamos o que seria melhor naquela aula. Desde o início pretendíamos realizar um bom trabalho na escola parceira a fim de honrar o compromisso para com a mesma, devido a isso todas as reclamações e exigências que recebemos ao longo do planejamento e execução das aulas valeu a pena, pois ao mesmo tempo em que cumprimos com o nosso dever mostramos que somos capazes de assumir uma sala de aula na qual o ensino aprendizagem dos alunos não será demonstrado apenas em notas e avaliações, mas sim durante as aulas como podemos ver ao final de nossa regência.



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

REFERÊNCIAS

MICCOLLI, L. O ensino na escola pública pode funcionar, desde que... In: LIMA, D. C. de. (Org). *Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 171-184.

_____. *Aproximando teoria e prática para professores de línguas estrangeiras*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

JORGE, Miriam Lúcia dos Santos. Preconceito contra o ensino de língua estrangeira na rede pública. In: LIMA, Diógenes Cândido de Lima (Org.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola, 2009, p. 161-168.